

Elena Ferrante
História da
Menina Perdida

A Amiga Genial — Quarto Volume



RELÓGIO D'ÁGUA

História da Menina Perdida

A Amiga Genial — Quarto Volume

Maturidade — Velhice

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Storia della bambina perduta © 2014 Edizioni e/o
Publicado por acordo com The Ella Sher Literary Agency

Título: História da Menina Perdida
A Amiga Genial — Quarto Volume — Maturidade — Velhice
Título original: *Storia della bambina perduta*
L'amica geniale — Volume quarto — Maturità — Vecchiaia (2014)

Autora: Elena Ferrante
Tradução: Margarida Periquito
Revisão de texto: Inês Dias
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre montagem de
Children on the cobbled causeway under Southwark Bridge, London (c. 1930),
de George Davison Reid

© Relógio D'Água Editores, janeiro de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-581-5

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º: 403819/16

Elena Ferrante

História da Menina Perdida

A Amiga Genial — Quarto Volume

Maturidade — Velhice

Tradução de
Margarida Periquito

Ficções

1.

A partir de outubro de 1976 e até ir de novo viver para Nápoles em 1979, evitei reatar relações sólidas com Lila. Mas não foi fácil. Ela tentou quase de imediato reentrar à força na minha vida e eu ignorei-a, tolerei-a, aturei-a. Embora ela se comportasse como se tudo o que queria era estar perto de mim num momento difícil, eu não conseguia esquecer o desprezo com que me tratara.

Hoje penso que se me tivesse ferido apenas com o insulto — és uma idiota, gritara-me pelo telefone quando lhe contara acerca de Nino, e nunca acontecera antes, absolutamente nunca, ela falar-me daquele modo — depressa me teria passado. Mas a verdade é que a alusão a Dede e a Elsa teve mais peso do que a ofensa. Pensa no mal que fazes às tuas filhas, censurara-me, e naquele momento nem fiz caso. Mas as palavras foram adquirindo mais peso com o tempo, voltavam-me à lembrança com frequência. Lila nunca manifestara o menor interesse por Dede ou por Elsa, era quase certo que nem se recordava dos seus nomes. Quando lhe referia por telefone alguma saída inteligente delas, ela atalhava logo, mudava de assunto. E quando as vira pela primeira vez em casa de Marcello Solara, limitara-se a um olhar distraído e algumas frases banais, nem sequer reparara em como elas estavam bem vestidas, bem penteadas, e como eram capazes, apesar de ainda serem pequenas, de se exprimirem com correção. Todavia, fora *eu* que as tivera, fora *eu* que as criara, faziam parte de mim, a sua amiga de sempre. Devia ter tido em conta — já não digo por afeto, mas ao menos por delicadeza — o meu orgulho de mãe. Mas nada disso, não usara sequer um

bocadinho de ironia afável, mostrara indiferença e nada mais. Só agora — por ciúme, com certeza, por eu ter caçado Nino — se lembrara das meninas e resolvera realçar que eu era uma péssima mãe, que para ser feliz causava a infelicidade delas. Assim que pensava nisso, enervava-me. Alguma vez Lila se preocupara com Gennaro quando deixara Stefano, quando abandonara o menino aos cuidados da vizinha por causa do trabalho na fábrica, quando o mandara para minha casa como se quisesse ver-se livre dele? Ah, eu tinha as minhas culpas, mas era mais mãe do que ela, sem dúvida.

2.

Os pensamentos deste género tornaram-se uma constante, naquela altura. Foi como se Lila, que, ao fim e ao cabo, a respeito de Dede e Elsa pronunciara apenas essa única frase pérfida, se tivesse arvorado em advogada de defesa das suas necessidades de filhas, e eu me sentisse na obrigação de lhe demonstrar que ela estava errada cada vez que as negligenciava para me dedicar à minha pessoa. Mas aquilo não passara de uma boca ditada pelo mau humor, o que ela realmente pensava dos meus comportamentos de mãe não sei. Só ela pode dizer se de facto conseguiu insinuar-se nesta corrente de palavras tão longa para modificar o meu texto, para nela introduzir com arte elos que faltavam, para arrancar outros sem o mostrar, para dizer de mim mais do que eu quero, mais do que eu sou capaz de dizer. Anseio por essa sua intrusão, desejo-a desde que comecei a escrever a nossa história, mas tenho de chegar ao fim para submeter todas estas páginas a uma revisão. Se tentasse fazê-lo agora, com certeza ficava bloqueada. Escrevo há demasiado tempo e estou cansada, cada vez é mais difícil manter o fio da história esticado através do caos dos anos, dos pequenos e grandes acontecimentos, dos humores. Por isso, ou tendo para sobrevoar os factos da minha vida, para deitar a mão a Lila num ápice e a todas as complicações que ela traz consigo, ou, o que é pior, deixo-me levar pelos acontecimentos da minha vida só porque os passo à escrita com mais facilidade. Mas é preciso que eu fuja desta encruzilhada. Não devo ir pelo primeiro caminho, ao longo do qual — uma vez que a nature-

za do nosso relacionamento impõe que eu só possa chegar a ela passando por mim — acabaria, ao pôr-me de parte, por encontrar cada vez menos sinais de Lila. Por outro lado, também não devo ir pelo segundo caminho. Que eu fale das minhas experiências pessoais sem me conter seria decerto aquilo que ela mais apreciaria. Vá — dir-me-ia —, conta lá que voltas deu a tua vida, quem é que quer saber da minha, confessa que nem a ti interessa. E concluiria: eu sou um gatafunho por cima de outro gatafunho, completamente imprópria para um dos teus livros; não te importes comigo, Lenù, ninguém escreve a respeito de um risco.

O que fazer então? Dar-lhe mais uma vez razão? Aceitar que ser adulto é deixar de se mostrar, é aprender a esconder-se até desaparecer? Admitir que quanto mais os anos passam, menos sei de Lila?

Esta manhã ponho o cansaço de lado e sento-me de novo à secretária. Agora que estou perto do ponto mais doloroso da nossa história, quero procurar na página um equilíbrio entre mim e ela que não consegui encontrar na vida, nem tão-pouco entre mim e mim.

3.

Dos dias em Montpellier lembro-me de tudo menos da cidade, é como se nunca lá tivesse estado. Fora do hotel, fora da monumental aula magna onde se realizava o congresso académico em que Nino tomava parte, hoje vejo só um outono ventoso e um céu azul pousado sobre nuvens brancas. Mas aquele topónimo, Montpellier, permaneceu-me na memória por muitos motivos como um sinal de fuga. Já estivera uma vez fora de Itália, em Paris, com Franco, e sentira-me eletrizada pela minha audácia. Mas nesse tempo parecia-me que o meu mundo era e continuaria a ser para sempre o bairro, Nápoles, enquanto o resto era como se fosse um breve passeio ao campo, em cujo clima de exceção conseguia imaginar-me como na realidade nunca seria. Mas Montpellier, que no entanto era de longe menos excitante do que Paris, deu-me a impressão de que os meus diques tinham rebentado e eu me estava a expandir. O puro e simples facto de me encontrar naquele sítio constituía aos meus olhos a prova de que o bairro, Nápoles, Pisa, Florença, Milão, a própria Itália,

eram só minúsculas lascas de mundo e que eu fazia bem em já não me contentar com essas lascas. Em Montpellier senti as limitações do olhar que eu tinha, da língua em que me exprimia e com a qual escrevera. Em Montpellier pareceu-me evidente que podia revelar-se limitado, aos trinta e dois anos, ser esposa e mãe. E durante todos aqueles dias plenos de amor senti-me pela primeira vez liberta dos vínculos que acumulara ao longo dos anos, os que derivavam da minha origem, os que adquirira com o êxito nos estudos, os que tinham origem nas escolhas de vida que fizera, em primeiro lugar os do casamento. Ali compreendi também as razões do prazer que experimentara, no passado, ao ver o meu primeiro livro traduzido para outras línguas e, ao mesmo tempo, as razões do meu desprazer por ter encontrado poucos leitores fora de Itália. Era maravilhoso transpor fronteiras, deixar-me penetrar por outras culturas, descobrir como era provisório aquilo que tomara por definitivo. O facto de Lila nunca ter saído de Nápoles, que até se tivesse assustado com San Giovanni a Teduccio, se no passado considerara isso uma sua opção discutível, que no entanto ela sabia converter em vantagem, agora pareceu-me simplesmente um sinal de limitação mental. Reagi como quando se reage a quem nos insulta, usando a mesma expressão que nos ofendeu. *Ter-te-ias enganado a meu respeito? Não, minha querida, fui eu, eu é que me enganei a teu respeito: ficarás toda a vida a ver os camiões que passam pela rua larga.*

Os dias voaram. A organização do congresso reservara havia tempo, no hotel, um quarto de solteiro para Nino, e como eu me decidira muito tarde a acompanhá-lo, não fora possível alterar a reserva para quarto de casal. Por isso tínhamos quartos separados, mas todas as noites eu tomava duche, preparava-me para a noite e depois, com um certo nervosismo, dirigia-me para o quarto dele. Dormíamos juntos, abraçados um ao outro como se receássemos que uma força hostil nos separasse durante o sono. De manhã mandávamos servir o pequeno-almoço na cama, desfrutávamos aquele luxo que eu só vira no cinema, ríamos muito, éramos felizes. Durante o dia acompanhava-o até à grande sala do congresso e, embora os congressistas lessem páginas e páginas em tom aborrecido, estar com ele arrebatava-me, sentava-me a seu lado mas sem o incomodar. Nino acompanhava as intervenções com muita atenção,

tomava notas e de vez em quando sussurrava-me ao ouvido comentários irônicos e palavras de amor. Ao almoço e ao jantar misturávamo-nos com académicos de meio mundo, nomes estrangeiros, línguas estrangeiras. É claro que os oradores de maior prestígio estavam todos à mesma mesa, nós fazíamos parte de uma grande mesa de estudiosos mais jovens. Mas impressionou-me a mobilidade de Nino, tanto no decorrer dos trabalhos como no restaurante. Como era diferente do estudante de outrora, até do jovem que me defendera na livraria de Milão, havia quase dez anos. Pusera de parte o tom polémico, transpunha com tato as barreiras académicas, estabelecia relações com ar sério e ao mesmo tempo cativante. Ora em inglês (ótimo), ora em francês (bom), conversava de forma brilhante, alardeando o seu velho culto dos números e da eficiência. Senti-me cheia de orgulho pela maneira como ele agradava. Em poucas horas tornou-se simpático para todos, puxavam-no para aqui e para ali.

Houve um único momento em que mudou bruscamente, foi na noite anterior à sua intervenção no congresso. Mostrou-se antipático e grosseiro, pareceu-me transtornado pela ansiedade. Começou a dizer mal do texto que preparara, repetiu várias vezes que não tinha facilidade em escrever como eu, zangou-se porque não tivera tempo para trabalhar bem. Senti-me culpada — fora o nosso caso complicado que o distraía? — e tentei remediar as coisas dando-lhe beijos, abraços, levando-o a ler-me as suas páginas. Leu-mas, e eu enterneci-me com o seu ar de aluno assustado. Achei que a sua intervenção não era menos aborrecida do que as que já ouvira na aula magna, mas enalteci-o muito e ele acalmou-se. Na manhã seguinte exibiu-se com um ardor declamado, aplaudiram-no. À noite um dos académicos de prestígio, americano, convidou-o a sentar-se a seu lado. Fiquei sozinha mas não me importei. Quando Nino estava comigo não falava com ninguém, ao passo que na sua ausência fui obrigada a desembaraçar-me com o meu francês claudicante e a familiarizar-me com um casal de Paris. Gostei deles porque depressa descobri que se encontravam numa situação não muito diferente da nossa. Ambos achavam sufocante a instituição da família, ambos haviam dolorosamente virado as costas aos cônjuges e aos filhos, ambos pareciam felizes. Ele, Augustin, na casa dos cinquenta, tinha

o rosto vermelho, olhos azuis muito vivos, um grande bigode alourado. Ela, Colombe, com pouco mais de trinta como eu, tinha cabelo preto muito curto, olhos e lábios desenhados com força num rosto miúdo, uma elegância fascinante. Falei principalmente com Colombe, tinha um filho de sete anos.

«Ainda faltam alguns meses», disse eu, «para a minha filha mais velha fazer sete, mas este ano já vai para a segunda classe, é muito inteligente.»

«O meu é muito esperto e cheio de imaginação.»

«Como é que ele aceitou a separação?»

«Bem.»

«Não sofreu nem um bocadinho com isso?»

«As crianças não têm a nossa rigidez, são elásticas.»

Insistiu na elasticidade que atribuía à infância, pareceu-me que isso a tranquilizava. Acrescentou: no nosso meio é muito comum os pais separarem-se, os filhos sabem que há essa possibilidade. Mas precisamente quando lhe estava a dizer que eu, pelo contrário, não conhecia outras mulheres separadas, a não ser uma amiga minha, ela mudou de tom bruscamente, começou a queixar-se do filho: é esperto mas lento, exclamou, na escola dizem que é desorganizado. Espantou-me muito ela ter começado a exprimir-se sem ternura, quase com rancor, como se o filho se comportasse daquele modo para a arrelhar, o que me causou ansiedade. O companheiro deve ter-se apercebido, intrometeu-se, gabou-se dos *seus* dois rapazes, um de catorze e outro de dezoito, brincou, dizendo que ambos agradavam tanto às mulheres jovens como às maduras. Quando Nino voltou para o meu lado, os dois homens — sobretudo Augustin — começaram a dizer muito mal dos oradores. Colombe meteu-se na conversa quase de imediato, com uma alegria um tanto artificial. A maledicência não demorou a criar laços, Augustin falou e bebeu muito durante todo o serão, a sua companheira ria-se assim que Nino conseguia abrir a boca. Convidaram-nos para irmos com eles a Paris de automóvel.

As conversas sobre os filhos e aquele convite a que não respondemos nem sim nem não trouxeram-me de volta à terra. Até àquele momento, Dede e Elsa tinham-me vindo à lembrança constantemente, e até Pietro, mas como se suspensos num universo paralelo,

imóveis em volta da mesa da cozinha de Florença, ou diante da televisão, ou nas suas camas. De súbito o meu mundo e o delas voltaram a estar em comunicação. Dei-me conta de que os dias de Montpellier estavam quase a terminar, que inevitavelmente Nino e eu regressaríamos às nossas casas, que teríamos de enfrentar as respetivas crises conjugais, eu em Florença, ele em Nápoles. E o corpo das meninas voltou a juntar-se ao meu, senti violentamente o seu contacto. Havia cinco dias que não sabia nada delas e ao tomar consciência disso deu-me uma forte náusea, as saudades tornaram-se insuportáveis. Tive medo, não do futuro de um modo geral, que agora parecia imprescindivelmente ocupado por Nino, mas das horas que estavam para vir, de amanhã, de depois de amanhã. Não consegui resistir e, apesar de ser quase meia-noite — que importância tem, disse para mim, Pietro está sempre acordado —, experimentei telefonar.

Foi uma coisa muito trabalhosa, mas por fim consegui ter linha. Estou, disse. Estou, repeti. Sabia que na outra ponta estava Pietro, chamei-o pelo nome: Pietro, sou a Elena, como estão as meninas. A ligação caiu. Esperei alguns minutos, depois pedi ao PBX que fizesse outra vez a chamada. Estava determinada a insistir toda a noite, mas Pietro desta vez atendeu.

«O que queres.»

«Fala-me das meninas.»

«Estão a dormir.»

«Bem sei, mas como estão.»

«Que te importa.»

«São minhas filhas.»

«Deixaste-as, já não querem ser tuas filhas.»

«Disseram-te isso a ti?»

«Disseram à minha mãe.»

«Mandaste vir a Adele?»

«Sim.»

«Diz-lhes que volto daqui a uns dias.»

«Não, não voltes. Nem eu, nem as meninas, nem a minha mãe queremos voltar a ver-te.»

4.

Fiz um grande pranto, depois acalmei-me e fui para ao pé de Nino. Queria contar-lhe o telefonema, queria que ele me consolasse. Mas quando ia bater-lhe à porta do quarto, ouvi-o a falar com alguém. Estava ao telefone, não percebia o que ele dizia, nem sequer em que língua estava a falar, mas pensei logo que estivesse a dirigir-se à mulher. Então era isto que acontecia todas as noites? Quando eu ia ao meu quarto preparar-me para a noite e ele ficava só, telefonava a Eleonora? Estavam tentando encontrar uma forma de se separarem sem conflito? Ou estavam a reconciliar-se e encerrado o parêntesis de Montpellier ela recebia-o de novo?

Decidi bater. Nino interrompeu-se, silêncio, depois recomeçou a falar mas baixando mais a voz. Fiquei nervosa, bati outra vez, não aconteceu nada. Tive de bater uma terceira vez e com força antes que ele viesse abrir. Quando o fez ataquei-o imediatamente, atirei-lhe à cara que escondia de mim a mulher, gritei-lhe que telefonara a Pietro, que o meu marido não queria deixar-me ver as filhas, que eu estava a pôr em causa toda a minha vida, ao passo que ele arruinhava com Eleonora por telefone. Foi uma desagradável noitada de discussões, foi difícil fazermos as pazes. Nino tentou tudo para me acalmar: ria com nervosismo, irritava-se com Pietro por me ter tratado daquela maneira, beijava-me, eu repelia-o, murmurava que eu era doída. Mas por mais que eu insistisse com ele, não admitiu nunca que estava a falar com a mulher, jurou até pela saúde do filho que desde que saíra de Nápoles nunca mais lhe ouvira a voz.

«Então, com quem estavas a falar?»

«Com um colega que está aqui no hotel.»

«À meia-noite?»

«À meia-noite.»

«Mentiroso.»

«É verdade.»

Recusei-me durante muito tempo a fazer amor, não conseguia, tinha medo de que ele já não me amasse. Depois cedi, para não ter de pensar que estava tudo acabado.

Na manhã seguinte, depois de quase cinco dias na companhia dele, acordei de mau humor pela primeira vez. Tinha de regressar,

o congresso estava prestes a terminar. Mas não queria que Montpellier fosse um parêntesis, receava voltar para casa, receava que Nino voltasse para casa, receava perder as minhas filhas para sempre. Quando Augustin e Colombe voltaram a propor-nos que fôssemos com eles até Paris de automóvel, oferecendo-nos até alojamento, falei com Nino, esperava que ele também não desejasse outra coisa senão uma oportunidade de dilatar aquele tempo, protelar o regresso. Mas ele abanou a cabeça desolado, disse: impossível, temos de voltar para Itália, e falou de aviões, de bilhetes, de comboios, de dinheiro. Estava fragilizada, senti desilusão e rancor. Vi bem, pensei, ele mentiu-me, o rompimento com a mulher não é definitivo. Tinha mesmo falado com ela todas as noites, comprometera-se a voltar para casa quando o congresso terminasse, não podia adiar nem só por dois dias. E eu?

Recordei-me da editora de Nanterre e do meu conto erudito sobre a invenção da mulher pelo homem. Até ali não falara com ninguém a meu respeito, nem sequer com Nino. Tinha sido a mulher sorridente, mas quase muda, que dormia com o brilhante professor de Nápoles, a mulher sempre agarrada a ele, atenta às suas exigências, aos seus pensamentos. Mas agora disse, com fingida alegria: o Nino é que tem de regressar, eu tenho um compromisso em Nanterre; está para sair — ou talvez já tenha saído — um trabalho meu, uma coisa que é meio ensaio, meio conto; estou tentada a ir convosco, dou um saltinho à editora. Olharam os dois para mim, como se só naquele momento eu tivesse começado a existir de facto, e começaram a perguntar-me o que é que eu fazia. Pu-los ao corrente, veio à baila que Colombe conhecia bem a senhora que dirigia a editora, pequena mas, como fiquei a saber naquele instante, prestigiosa. Soltei-me, falei com muita vivacidade e talvez tenha exagerado um pouco acerca da minha carreira literária. Não o fiz pelos dois franceses, mas sim por Nino. Quis recordar-lhe que tinha vida própria, com algumas satisfações, que se fora capaz de abandonar as minhas filhas e Pietro, também podia passar sem ele, e não dali a uma semana, ou dali a dez dias, mas imediatamente.

Ele esteve a ouvir e depois, sério, disse a Colombe e Augustin: está bem, se não for incómodo, aproveitamos a vossa boleia. Mas quando nos encontrámos a sós fez-me um discurso nervoso no tom

e apaixonado nos conteúdos, cujo sentido era que eu devia confiar nele, que apesar de a nossa situação ser complicada, havíamos sem dúvida de a resolver, mas que para isso tínhamos de voltar para casa, não podíamos fugir de Montpellier para Paris e depois para qualquer outra cidade, era necessário enfrentarmos os nossos cônjuges e começarmos a viver juntos. De repente senti que ele era não só razoável como sincero. Fiquei confusa, abracei-o, murmurei está bem. Contudo, partimos na mesma para Paris, eu só ambicionava mais uns dias.